

PLACAR

N.º 814 27/DEZEMBRO/1985 Cr\$ 11 000



ACRE, ALAGOAS, AMAPA, AMAZONAS, BAHIA, CEARA, MARANHAO, MATO GROSSO, PARA, PARAIBA, PERNAMBUCO, PIAUI, RIO, J. PRANDE DO NORTE, RONDONIA, RORAIMA E SERGIPE: Cr\$ 15 000 - 0563



Sídnei,
héroi do
título

**A FESTA DO FLU
E DO VITÓRIA**

**MOGI E NOVO
HORIZONTE
NO PAULISTÃO**

**VÔLEI
RENAN NA
SELEÇÃO
DO MUNDO**

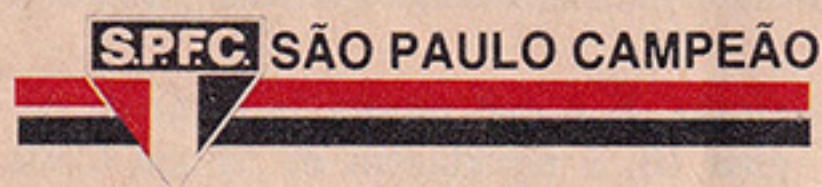
**OS CAMPEÕES
DE MATO GROSSO**

**SÃO PAULO
CAMPEÃO
TU ÉS FORTE,
TU ÉS GRANDE!**



FOTOS NICO ESTEVES

Sídnei, Müller e Nelsinho festejam o primeiro gol, e Falcão ergue a taça



Feliz é o Morumbi

Garra e categoria dão ao tricolor um título que só poderia ser dele e enlouquecem sua grande torcida

Sem camisa, desgarrado do delírio que se apossou do Morumbi após a vitória de 2 x 1 sobre a Portuguesa, o zagueiro Darío Pereyra comemorava intensamente o título paulista. Sentia um misto de euforia e raiva enquanto observava a invasão do gramado e a alegria da torcida nas arquibancadas: "Sempre disseram que o São Paulo não tem gar-

ra. Está aí a resposta". Darío nem se referia a seu próprio desempenho — como de hábito, desfilou categoria e raça. Ele falava da comovente aplicação do time em geral. E de Oscar e Falcão em particular.

Para Oscar, que mal conseguia se manter em pé ao final do jogo, Darío dirigia carinho e incentivo especiais: "Vamos lá, tchê. Vamos dar

a volta olímpica, levantar a taça. Vamos festejar". Oscar bem que precisava. Acometido de uma repentina infecção intestinal na sexta-feira, o capitão sofreria um penoso tratamento à base de soro e, na manhã do domingo da decisão, ainda estava com 38,5 graus de febre. "Eu não agüentava mais nada quando acabou a partida. Mas nunca pensei que ▷



Sídnei e Cilinho foram saudados como heróis

não ia dar", sustentava satisfeito já no vestiário.

E, se Oscar entrou em campo com 2 kg abaixo de seu peso, também o maestro Falcão mostrou generosa dose de sacrifício. Na mesma sexta-feira, sentiu o músculo retrofemural num dos treinos e esteve seriamente ameaçado de não atuar. A contusão foi devidamente escondida no Morumbi. No sábado à noite, Falcão precisou tomar uma infiltração no local. Durante o jogo, sentiu a virilha. "Ele teve de fazer gelo no intervalo e segurou o feixe muscular da coxa com duas tiras de crepe. Crepe italiano", informou o roupeiro Tião.

A LUTA DE FALCÃO

Falcão resistiu até 10 minutos antes do final do jogo. Quando saiu, já tinha a certeza da conquista do campeonato, seu décimo título como profissional (veja o quadro na página 10). "Há momentos em que é preciso muita determinação", explicava já esticado no sofá da concentração, quando se lembrou de sua operação no joelho, realizada exatamente um ano antes (dia 21/12/1984, nos Estados Unidos). Mas os problemas que enfrentou em seu começo na equipe, quando teve que amargar a reserva,

22/12/1985: o artilheiro do campeonato, Careca, 23 gols, é expulso



1978: Careca cava a saída de Leão



1975: Murici foi expulso na final

não foram esquecidos: "Foi uma luta pessoal. Eu agora me sinto feliz".

Feliz, da mesma forma, estava o centroavante Careca, apesar de não ter conseguido marcar o prometido gol "Boka Loka". "Não faz mal. Marco no jogo das faixas", garantia o centroavante, que foi expulso depois de ter tentado agredir o ponta Esquerdinha. Curiosamente, na última decisão entre São Paulo e Portuguesa, em 1975, o meia Murici, a então jovem estrela tricolor, foi expulso ainda no primeiro tempo. Nas duas vezes, porém, o São Paulo ganhou. No caso de Careca, expulsões e títulos parecem caminhar juntos. Em 1978, quando o Guarani foi campeão brasileiro em cima do Palmeiras, Careca forçara a expulsão de Leão no primeiro dos dois jo-

gos finais — e isso foi decisivo para o título. Desta vez, ele tornou-se a vítima do cartão vermelho, mas saiu igualmente campeão. De quebra, com 23 gols, foi ainda o artilheiro do campeonato e, agora, só espera a confirmação de seu nome na Seleção. "Posso mandar beijinhos em castelhano lá no México", afirmava entre sorrisos.

Estar no México era uma esperança compartilhada pelo ponta Sídnei, o herói da decisão, autor do primeiro gol e do passe para o segundo, de Müller. Óculos vermelhos como a calça, camisa branca e preta listrada, Sídnei oferecia o gol e a vitória para a filha Gabriela, que ficara em casa com a avó, dona Maria de Lurdes. Precaução de quem tinha confiança na vitória: "É que planejamos ir direto dançar no Gal-

Nossas Glórias Imortais



Os campeões paulistas de 1943



Os bicampeões paulistas de 1945 e 46



Os campeões paulistas de 1957



Cilinho cria o "Dia do Carcará" e celebra seu primeiro título como profissional



Na Ponte, em 1970, vê sua chance ser roubada pelo São Paulo



ção de "fazer as coisas direito com Deus", pediu a bênção e só depois comemorou o primeiro título de sua carreira, ganhando justamente pelo clube que lhe roubara a mesma chance, em 1970, quando foi vice pela Ponte Preta.

lery (elegante boate onde se realizou a festa pelo campeonato)", informava, mãos dadas com a mulher Tereza.

A ALEGRIA DE CILINHO

Mas, se alguém viveu um domingo de herói no Morumbi tomado por mais de 100 000 pessoas, este foi Cilinho. Comandante do trabalho de renovação que desembocou no melhor futebol de todo o campeonato, Cilinho teve de segurar as lágrimas quando a Rádio Jovem Pan o colocou em linha direta com a mãe, dona Ester. Ouviu atento a recomenda-

"Resgatamos o futebol-arte", repetia Cilinho a todo microfone, gravador ou caneta que lhe aparecesse pela frente. "Isso é o resultado de quem trabalha direito. É o fruto de 19 meses de união, responsabilidade e luta", garantia o treinador, cujo contrato, antes do jogo final, havia sido renovado até dezembro de 1986. Para ele, mais importante que os valores desse contrato é ter a liberdade de trabalhar como gosta. "Sem liberdade e imaginação não dá", recomenda.

E não há como se negar muita imaginação para Cilinho. Ao repertório de truques aplicados durante a campanha,

**22/12/1985: Luís Pereira, vice, grita.
22/12/1974: Luís Pereira, campeão, afaga Rivelino**



Cilinho incorporou mais um na final. Mandou confeccionar cartazes com a figura de uma ave de rapina segurando um português nas garras e os espalhou pela parede. "Foi o Dia do Carcará", como disse o massagista Hélio Santos. "O homem instalou alto-falantes no vestiário e tocou a música durante o aquecimento."

Do outro lado da loucura em que se transformou o vestiário do São Paulo, Luís Pereira, símbolo da Portuguesa, concordava. "Apesar da derrota, mostramos nossa força e capacidade", ressaltava o zagueiro, certo de que, ao contrário da primeira partida — vencida pelo São Paulo por 3 x 1 —, o que faltara a seu aguerrido time foi mesmo sorte. Onze anos antes (22/12/1974), no mesmo Morumbi, Luís Pereira sor-



Os bicampeões paulistas de 1970 e 71



Os campeões brasileiros de 1977



Os bicampeões paulistas de 1980 e 81





Falcão, contra Luciano (2) e Toninho (8), um ano depois de sofrer a operação: uma conquista com um gosto todo especial

SÉRGIO BEREZOVSKY



O cantor Juca Chaves diz que ele é o pé-quentre

ria. Seu time, o Palmeiras, sagrava-se Campeão Paulista diante do sofrido Corinthians de Rivelino, a quem ele consolava no final. Agora, consolava os companheiros da Portuguesa: "Cabeça erguida, pessoal. Alguém tinha de perder".

Falta de sorte era o tom da conversa de Edu, o meia de 22 anos que teve uma soberba exibição e foi autor do lance mais brilhante do jogo, aos 12 minutos do primeiro tempo. Ele percebeu o goleiro Gilmar adiantado e tentou surpreendê-lo ainda de seu campo, com um chute preciso, ao estilo de Pe-



Comemoração na boate Gallery: a euforia de Zé Teodoro, Sídney e Nelsinho

lé na Copa de 1970 (no jogo contra a Tchecoslováquia). A bola só não entrou porque o goleiro se esticou e conseguiu tocá-la antes que batesse no travessão. "Faltou só um pouquinho", lamentava-se. Já as queixas do técnico Jair Picerni, pela quarta vez vice-campeão paulista (três como técnico),

eram dirigidas ao novato árbitro José Carlos Gomes do Nascimento. "Se essa besta não fizesse tanta bobagem, poderíamos ter vencido."

Cercado do carinho da mulher Maria Celeste e do filho Alessandro, o juiz sentia-se aliviado por "ter feito um bom trabalho" e duplamente feliz por ter conseguido ficar com a bola do jogo. Afinal, tinha sido apenas seu 13.º jogo na Primeira Divisão e o primeiro clássico: "Rezei de manhã na igreja e pedi ajuda a meus falecidos pais. Eu tinha prometido a eles que seria alguém. Seria famoso".

O fanático torcedor Juca Chaves, que circulava com uma camisa do São Paulo com seu próprio nome bordado sobre o distintivo, não cansava de anunciar seus dotes de pé-quentre: "É a quarta decisão a que venho assistir. E o quarto título que comemoro".

O SUSTO DE MÜLLER

Mais gente se atribuiu a condição de pé-quentre. Entre eles o ator Lima Duarte, o empresário José Victor Oliveira e o goleiro Gilmar: "Vocês acham que eu larguei Porto Alegre por quê? Para ser campeão, é claro". Muito depois de encerrada a partida, o craque Müller, revelação do campeonato, assistia interessado à eufórica movimentação da torcida que insistia em continuar nas rampas de acesso do Morumbi. Olhos assustados, acompanhava sem jeito o hino cantado pela torcida:

"Salve o tricolor paulista,
Amado clube brasileiro...
Tu és forte, tu és grande..."

Ari Borges, Roberto Salim
e João Carlos Rodríguez

Paulo Roberto Campeão



Hexa gaúcho pelo Inter, em 1974



Em 1979, um de seus três campeonatos nacionais



Hepta, em 1975. Ao todo, tem cinco títulos gaúchos



Na Roma, em 1983: campeão italiano



JUCA KFOURI

Por que o fim de ano foi tricolor

Numa final, freqüentemente, a garra prevalece sobre a técnica. A final paulista não fugiu à regra. A Portuguesa jogou melhor, mas perdeu. A Lusa tinha o garoto Eduardo em tarde infeliz. O São Paulo tinha o experiente Dário Pereyra, o que dá a medida só na quarta zaga.

Tudo o que era possível dizer sobre o campeão São Paulo já foi dito. Jogou o futebol mais bonito e empolgante da temporada e merece o título. Além do mais, ganhou as duas decisivas, livrando três pontos de vantagem sobre a Portuguesa desse maravilhoso meia Edu. E não fora o período do desgastante *caso Falcão* e o São Paulo teria ainda maior diferença.

Neste momento de justa euforia da nação são-paulina, duas reflexões: que ninguém diga que a vocação de Jair Picerni é o vice-campeonato. Na verdade, sempre que foi vice, Jair dirigiu equipes inferiores às que foram campeãs. Foi assim com a Ponte Preta diante do mesmo São Paulo, em 1981; com a Seleção Brasileira ante a Francesa na Olimpíada de Los Angeles; com o Corinthians, no ano passado, diante do Santos — e agora. Ou seja, cada vice foi mais uma façanha que um estigma.

Que raciocinem, também, os dirigentes paulistas. A fórmula do campeonato deste ano levou menos gente aos estádios do que o sistema de turno e retorno adotado em 1984. A média agora foi

de apenas 6 162 pagantes contra os 7 202 de um ano atrás.

Viva o São Paulo!

Wright or Wrong Flu?

Dizem os usos e costumes nacionais que o torcedor fica feliz mesmo quando seu time ganha no último minuto com gol de mão, motivo a mais para a grande festa que a torcida do Flu fez no Maracanã na comemoração do sonhado tricampeonato.

Sim, os adeptos das três cores que traduzem tradição tiveram também três motivos de alegria na vitória diante do assustado Bangu. Os dois primeiros foram os gols de Romerito e Paulinho, bela virada tricolor que, com toda justiça, conduzia ao terceiro tri da história do Fluminense. O último foi o escandaloso pênalti não assinalado pelo correto árbitro José Roberto Wright, doravante aqui denominado José Roberto Wrong, com o perdão do mau trocadilho.

Infeliz o senhor Wrong. Ia muito bem no jogo, acertara ao não assinalar um pênalti reclamado pelos jogadores do Flu num lance de bola na mão, o que mais uma vez apenas comprova sua indiscutível honestidade, mas deu sopa para o azar: quis descontar a cera do goleiro Paulo Vítor e deu tempo para que Vica fizesse um dos pênaltis mais clamorosos da história do futebol — lance que, por mais que pesquise na memória, o leitor não encontrará igual num jogo decisivo, aos 46 minutos, bastan-

do o empate para o time que perdia por 2 a 1. E o pior para o juiz Wrong é que, exceção feita ao estupendo Marinho, o Bangu tremia tanto que era capaz até de desperdiçar a falta.

Claro que o Flu esteve melhor no jogo, foi melhor no campeonato ganhando um turno que o adversário não obteve e que time algum é tricampeão injustamente. É óbvio, também, que muitas vezes neste ano o Flu perdeu pontos importantes por erros de arbitragem. Mas Wrong, redundância à parte, errou. Right?

Cadê os subornados?

“Para tanto, ofereciam propinas a atletas ou *árbitros*, de forma a originar as chamadas zebras...” Eis aí, literalmente, um trecho da conclusão do inquérito da Polícia Federal, mais de três anos depois que PLACAR denunciou a existência da máfia da Loteria Esportiva.

A revista citou mais de 125 nomes. A PF indiciou apenas 20, razão das muitas manifestações de parabéns que recebemos na última semana. “Afimal, apurou-se alguma coisa no Brasil”, era tom geral das congratulações.

É verdade, sem dúvida. Mas é profundamente estranho e lamentável que entre os indiciados, embora alguns dos cabeças estejam entre eles, apareçam poucos e inexpressivos atletas em atividade e simplesmente nenhum árbitro. Existem os subornadores, mas cadê os subornados?



NICO ESTEVES

Só esses dão ao seu time o máximo

Müller e Careca, na primeira partida da decisão paulista contra a Portuguesa. Os dois dão uma parada no acostamento durante o

jogo e reabastecem. Depois partem de tanque cheio para cima da defesa adversária. Aí, as esperanças lusas foram todas por água abaixo

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ